

SEÇÃO DE LIVROS

# RESISTA AO MAR SELVAGEM



Condensado do livro de

**DOUGAL ROBERTSON**

*chilone*



# RESISTA AO MAR SELVAGEM

DOUGAL ROBERTSON



*«Aprendi, a duras penas, que, se a terra podia ser generosa com o homem, o mar era tão implacável quanto o céu.»*

Durante 15 anos, Dougal Robertson extraiu seu sustento do solo da Inglaterra. Antes disso, por quase tanto tempo, ele havia se

dedicado ao mar, profissionalmente. Então, em 1971, Robertson, a mulher e os filhos, ainda pequenos, partiram, numa escuna de 13 metros, para circundar o globo. O inesperado, o totalmente imprevisível, ocorreu ao largo das Ilhas Galápagos, na maior extensão de mar aberto do mundo. A narrativa de Robertson, sobre a subsequente provação de sua família, coloca-se entre as maiores histórias da sobrevivência do homem.

**E** STÁVAMOS na véspera de nossa partida para as Ilhas Marquesas, três mil milhas a oeste, mas, quando o vento mudou para leste, sob um manto cinzento de nuvens de chuva, fiquei ansioso por partir. Se saíssemos naquele momento, pela manhã estaríamos ao largo, a sotavento de Fernandina, a ilha mais a oeste de Galápagos. Minha mulher, Lyn, não gostou da idéia de iniciarmos nossa

viagem a 13 de junho, embora eu lhe dissesse que o mais supersticioso dos navegantes não se importaria, desde que o dia 13 não caísse também numa sexta-feira.

Meu filho Douglas e nosso passageiro Robin, de 22 anos, partilhavam meu sentimento de ansiedade de sair logo e, às cinco da tarde, estávamos prontos para nos fazer ao mar. Com a vela grande e as bujarronas enverga-



das, levantamos ferro, e nossa escuna *Lucette*, de 13 metros, se moveu com facilidade, ao longo da costa escura e acidentada da ilha de Fernandina, seguindo em direção à maior extensão oceânica do mundo.

Apesar de estarmos velejando havia mais de um ano (tínhamos saído da Inglaterra no fim de janeiro de 1971), nossos estômagos ainda levaram algum tempo para se adaptar ao movimento vigoroso das ondas em alto-mar, e, durante todo o dia seguinte, os que não estavam ao leme, ou velejando, descansavam lá em baixo, nos beliches, da melhor forma possível. Não estando acostumado ao mar, Robin tinha ficado enjoado a maior parte da viagem, desde o Panamá, onde se juntara a nós. Mas, agora, já parecia mais habituado, e podia ajudar a Douglas e a mim, nos *quartos* da noite, enquanto Lyn (auxiliada por nossos gêmeos de 12 anos, Neil e Sandy) ficava de vigília durante o dia.

Na manhã do dia 15, tivemos o primeiro vislumbre do sol, desde que deixáramos Galápagos, e eu me equilibrei contra o convés oscilante da *Lucette*, de sextante colado ao olho, esperando o momento exato para fazer uma leitura. Finalmente, o sol, o horizonte e o convés cooperaram, para me dar uma tomada bastante precisa, e me retirei para a cabina de ré, a fim de calcular nossa longitude.

Foi minha primeira leitura de posição, tomada com o aparelho, desde que saíramos das ilhas.

Com o sextante cuidadosamente recolocado na caixa, voltara-me para os meus cálculos, quando violentos baques, de uma força incrível, como os de uma marreta, bateram no casco, sob os meus pés. Quando fui arremessado de encontro ao beliche, o barulho do impacto quase me impediu de ouvir o fragor da água entrando. Da popa, entretanto, ouvi o grito de *Baleias!* Pondo-me de joelhos, levantei as tábuas do piso do barco, e olhei, horrorizado, para o azul do Pacífico, através de um buraco feito no entabamento do casco. A água entrava com força torrencial e, com Lyn bradando que não adiantaria (pois a água estava entrando ainda por outro rombo, sob o piso do banheiro) calquei meu pé no chão de tábuas, quebrado, e gritei para que ela me desse trapos grandes, ou qualquer coisa que detivesse a inundação. Atirou-me um travesseiro, e o apertei de encontro às tábuas; firmei-as; e fiquei de pé em cima. O ímpeto da água entrando diminuiu um pouco.

Douglas gritou do convés: «Estamos afundando, papai?»

«Estamos! Temos que abandonar o barco!» Minha voz parecia remota, enquanto eu observava, estonteado, o nível da água se elevando. Já che-



gava aos meus joelhos. Então, saltei para a escada que levava ao convés.

Na coberta, Lyn estava amarrando os salva-vidas nos nossos filhos gêmeos, com rápida eficiência. Comecei a cortar as amarras que prendiam o escaler ao mastro grande. Douglas lutava para libertar a balsa auto-inflável que estava por baixo dele. Depois, pegou os remos, e os enfiou em baixo dos bancos da balsa, enquanto eu a jogava ao mar, com Robin segurando o cabo, para evitar que ela se afastasse. A balsa inflável, para nosso grande alívio, saiu com um estrépito, e já um pouco inflada.

Pedi uma faca a Lyn, que já tinha consigo os baldes para água e os archotes de sinalização, e gritei de novo: «Abandonar o navio!» Depois, cortei as cordas que prendiam uma saca de cebolas e duas de laranjas e limões, que joguei no escaler. Notando que ele estava cheio d'água, até três quartas partes, e que Neil estava sentado lá, gritei-lhe que passasse para a balsa, onde estavam os outros. Ele saltou de novo para a *Lucette*, agarrou seus ursinhos de pano, e se atirou ao mar, nadando vigorosamente. Lyn e eu nos juntamos a ele (primeiro, joguei a faca no escaler). As águas já chegavam às escotilhas da *Lucette*, quando a abandonamos. Momentos depois, quando olhei de novo, ela já havia afundado.

Subi, extenuado, para a balsa amarela, tomado por uma sensação de irreabilidade. Consultei o relógio: faltava um minuto para as dez da manhã. Desde que fizera a leitura, com o sextante, haviam se passado quatro mi-

nutos. «Orcas!», avisara Douglas. «De todos os tamanhos, cerca de vinte. Acho que três nos alcançaram logo.»

Três orcas! Lembrei-me de que a do Aquário Oceânico de Miami pesava três toneladas, e de que se dizia que, ao atacar, nadavam a cerca de 30 nós. Não eram de admirar, portanto, os rombos na *Lucette*!

Sentamo-nos no fundo da balsa, com os rostos de uma cor amarelada, como bÍlis, sob o reflexo do toldo amarelo, e contemplando em silêncio o mar à nossa volta. Não havia nem sinal das orcas que, tão pouco tempo antes, tinham posto em perigo nossas vidas.

### Alternativas sombrias

A REALIDADE da situação começou a penetrar aos poucos em nossas consciências. Neil, que tinha perdido os ursinhos, soluçava com Sandy, enquanto Lyn repetia o Pai-Nosso. Douglas e Robin observavam, debruçados para fora do toldo, para recolher quaisquer destroços úteis, ao mesmo tempo que olhavam com ansiedade para um balde de plástico, para 20 litros d'água, que se afastava cada vez para mais longe, ao sabor do vento alísio constante.

«Acho melhor avaliarmos nossa situação», disse Lyn, finalmente.

Aquele era o momento que eu estava temendo. Invadiam-me sentimentos de culpa, não só de que nossas dificuldades presentes se deviam às minhas idéias pouco ortodoxas de como educar nossos filhos, mas tam-



bém de que eu falhara em prever aquele tipo de acidente. Como podia ter sido tão insensato!

Por 15 anos, Lyn e eu tínhamos suportado um padrão de vida cada vez pior, em nossa pequena fazenda de laticínios, em North Staffordshire. Então, em 1968, viera-nos a idéia: «Vamos comprar um barco, e dar a volta ao mundo.» A idéia, em parte, era a de ampliar o horizonte de nossos filhos, já tolhido pelas limitações de seu ambiente. Mas, sem dúvida, havia mais alguma coisa: a rotina inflexível do trabalho da fazenda, que só me permitira 14 dias de férias em 15 anos, e o descontentamento resultante de ver esperanças e sonhos se desfazerem sob a realidade da escassez econômica.

Éramos razoavelmente habilitados para empreender tal viagem. Antes de me estabelecer na fazenda, eu havia passado 12 anos no mar, obtendo um diploma de Mestre de Navegação Para o Exterior. Lyn era enfermeira diplomada. Estávamos todos em boas condições físicas.

Dois anos mais tarde, depois de vender nossa fazenda, compramos, em Malta, a escuna *Lucette*, de 50 anos e 19 toneladas, e a submetemos a rigorosas vistorias e modificações.

Seu casco levava um minuto para afundar, mas um barco moderno, construído com menos robustez do que a escuna *Lucette*, teria sofrido avarias muito maiores, e afundado ainda mais depressa, com resultados catastróficos.

Olhei para Douglas, então com 18 anos; ele se tornara um homem feito, naqueles meses no mar. Os gêmeos,

até havia pouco, garotos de fazenda, tímidos e introspectivos, passaram a se interessar por conhecer pessoas diferentes, e agora estavam ávidos por conhecer mais. Eu tentava aplacar minha consciência com o pensamento de que eles tinham extraído muitos benefícios da viagem, e de que nosso naufrágio fora tão imprevisível como um terremoto ou um desastre de avião.

Reservamos um espaço no piso da balsa, e abrimos o estojo de utensílios de sobrevivência, que já fazia parte do equipamento da escuna. Lentamente, verificamos o estoque: Pão enriquecido com vitaminas e glucose, para dez homens, durante dois dias, oito litros e meio d'água, oito archotes de sinalização, um baldeador, quatro anzóis, uma linha de pescar, de 10 quilos de força, uma faca própria para não furar a balsa inflável (nem qualquer outra coisa, na verdade), um espelho de sinalização, uma lanterna, uma caixa de primeiros-socorros, duas âncoras, foles e três remos de cabo curto. Além disso, tínhamos recuperado uma dúzia de cebolas, uma lata de biscoitos, dez laranjas, seis limões, uma vela de barco e uma linha de pescar.

Quando olhei para nossos escassos suprimentos, Lyn segurou minha mão. «Temos de pôr os rapazes em terra», disse ela calmamente. «Ainda que não façamos nada por nossas vidas, devemos pô-los em terra.»

Olhei para ela, e concordei: «É claro. Vamos conseguir!»

A resposta veio de meu coração, mas minha cabeça contava uma his-



tória diferente. As Marquesas ficavam a 2.800 milhas para oeste; mesmo que pudéssemos sobreviver milagrosamente, durante a viagem, a probabilidade de chegar a uma das ilhas, mesmo com bússola, era remota. A costa da América Central, a mais de mil milhas a nordeste, ficava do outro lado do mar, naquela zona temida, de calmarias e borrascas, que inspirara Coleridge a escrever: «Água, água por toda parte, mas nem uma gota para beber.» Eu era um mestre de navegação, pensei pesadamente, e não podia contar com nenhuma tripulação-fantasma para me ajudar.

Quais seriam nossas probabilidades de escapar, se seguíssemos o conselho «Fique calmo, e espere por socorro», inscrito no manual? Em primeiro lugar, não dariam por nossa falta, durante cinco semanas, pelo menos; e, se uma busca fosse feita, onde começaria alguém a procurar, em três mil milhas de oceano? Em segundo lugar, a probabilidade de ver uma embarcação, navegando por aquela área, era pequena, pois, das duas rotas marítimas, do Panamá ao Taiti ou à Nova Zelândia, uma passava a cerca de 400 milhas ao sul, e a outra a 300 milhas ao norte. Olhando para a comida, calculei que nós seis poderíamos sobreviver apenas durante dez dias. Fora isso, as probabilidades pareciam realmente duvidosas.

Lyn inclinou-se para frente e exigiu, incisiva: «Diga-nos qual a nossa situação. Queremos saber a verdade.»

Não podia lhes dizer que pensava que fôssemos morrer. Assim, fui descrevendo lentamente as alternativas.

De repente, compreendi que só havia um caminho aberto para nós: devíamos velejar, com a ajuda dos ventos alísios, para as calmarias, a 400 milhas ao norte. A única rota possível de navios ficava naquela direção. E mais: nossa única probabilidade de ter água da chuva, e nossa única possibilidade de atingir terra também ficavam para esse lado. «Vamos ficar aqui 24 horas, para ver se aparece mais algum resto do naufrágio», disse eu. «Depois, devemos nos dirigir para o norte.»

O sol se pôs, e o vento, de repente, ficou mais frio. Tínhamos cortado pedaços de uma vela que salvamos, para fazer lençóis, e tremíamos ao nos cobrirmos com eles. Virando-nos e nos enroscando, procurando conforto para nossos ossos que doíam, começamos a sentir estranhas saliências e fisgadas, através do piso inflado da balsa. A princípio, pensei que alguma coisa aguda tinha se cravado sob a balsa, e temi que pudesse furar as câmaras de flutuação. Mas Douglas, de vigia, disse que podia ver grandes peixes nadando, sob o barco (dourados, pensou ele), e que pareciam perseguir alguns peixes menores por baixo da balsa.

«Temos de fazer alguma coisa com eles», disse Douglas. «Pescá-los, por exemplo.»

### **Dádivas do mar**

A PRESSÃO das câmaras de flutuação da balsa diminuiu muito durante a noite, de modo que nossa primeira tarefa, pela manhã, foi acabar de enchê-las de ar. Os foles não funcio-



naram, mas, desligando o tubo do fole, Douglas colocou-o na boca, soprou com toda a força, e a balsa logo voltou à pressão normal.

O desjejum consistiu, para cada um de nós, de um pouco de biscoitos, um pedaço de cebola e um gole d'água. Comemos devagar, saboreando cada bocado. Então, Douglas e eu fomos para a borda da balsa. Puxando o cabo de reboque, trouxemos o escalier inundado, *Ednamair*, ao longo da balsa, e o baldeamos até ficar seco. No fundo, Douglas encontrou seu relógio, ainda trabalhando. Recuperou também o que viria a ser o nosso mais valioso patrimônio: a faca de aço inoxidável, que eu jogara para dentro do escalier, depois das frutas.

Subi a bordo. Então, usando os remos (como mastro e vergas) e parte da vela salva, comecei a trabalhar num equipamento de navegação, provisório, que transformaria o *Ednamair* em rebocador, para nossa viagem para a zona das calmarias. O escalier ia de popa, para que pudesse navegar sem submergir. Calculei nossa velocidade em cerca de um nó.

Durante o dia, Lyn cortou pedaços de velas, a fim de fazer roupas para nossos filhos, e Douglas escreveu cartas, contando a seus amigos, na Inglaterra e nos Estados Unidos, o que tinha acontecido. Robin escreveu à mãe, enquanto a própria Lyn escreveu uma carta de despedida, encantadora, para nossa filha de 19 anos, Anne, que nos deixara nas Bahamas, para seguir seu destino. Esses bilhetes foram colocados em invólucros à prova d'água, e enfiados numa das

bolsas do barco inflável. Todos estávamos deprimidos com a perspectiva de nossa iminente extinção, especialmente Neil, que, segundo imaginei, podia visualizar mais claramente as privações que nos esperavam, sem compreender como poderiam ser evitadas. Ele parecia uma criança triste e desolada, deitado nos braços da mãe, contemplando o espaço vazio, e vendo, sabe Deus que horrores, com os olhos da sua mente.

Assim que clareou a manhã seguinte, puxei o escalier, e subi a bordo, para inspecionar a amarração da vela, e os cabos, um dos quais tinha se soltado durante a noite. Enquanto o consertava, notei uma pequena coisa preta sob o banco. Abaixei-me, e apanhei nossa primeira «dádiva do mar»: um peixe-voador de 20 centímetros. Tirei-lhe as tripas, e o escamei, passando-o depois a Lyn, para temperá-lo com um pouco de limão. Tomamos o desjejum às sete, cada qual saboreando um minúsculo pedaço de peixe, seguido de um pouco de cebola picada e um gole d'água.

As nuvens engrossavam, à medida que o dia avançava, e os altos-cúmulos começaram a derramar bátegas isoladas. O vento refrescou, e a água das ondas entrava pela abertura do toldo. Apertamos os cordões das abas de entrada do toldo, tanto quanto possível, mas sem impedir toda a ventilação. Douglas soprou fortemente no tubo de inflar, para tornar a balsa mais rígida em alto-mar.

O *Ednamair* balouçava sobre as ondas, na extremidade do cabo de reboque, como um cãozinho amar-



rado à trela. Eu estava pensando em baixar a vela, quando o bater de algumas gotas na cobertura nos avisou da chuva iminente. Um cano fora ligado ao centro do teto do toldo, para captar a água da chuva, e, fascinados, contemplamos o líquido que gotejava de sua extremidade inferior — amarelo-vivo e mais salgado do que a água do mar.

Assim que o sal foi lavado do teto, a água começou a escorrer mais doce, e conseguimos juntar cerca de metade de meio litro de um líquido amarelado, com gosto de borracha, antes que a chuva passasse. Olhei, com tristeza, para a garrafa cheia daquilo que, fosse o que fosse, dificilmente se poderia chamar água. Teríamos de dar outro jeito, se quiséssemos sobreviver.

A manhã seguinte trouxe mar calmo. Fui ao *Ednamair*, a fim de fixar a vela, e, para meu prazer, encontrei dois peixes-voadores, um grande e outro pequeno, no fundo do barco. Foram devidamente preparados, divididos com muita cerimônia, e as cabeças guardadas para isca. Mais tarde, do *Ednamair*, tentei pescar um dourado. Lancei a linha em todas as direções, corricando a velocidades diferentes, tentando variações de vermelho e branco, na isca giratória de amostra, e cabeças de peixes-voadores no anzol, mas inutilmente. O dourado seguia a linha com interesse, mas não mordida. Desisti, exausto, com a boca seca de sede, sob o inclemente sol do meio-dia.

A balsa, agora, precisava de ser enchida de ar a intervalos muito menores (três ou quatro vezes em cada

vigília) e, embora procurássemos constantemente por algum rombo, só quando Lyn fez a vigília da noite é que percebeu bolhas denunciadoras se elevando por baixo dos cabos de reboque. Abrimos o estojo de equipamento para reparar furos. A balsa, de modelo antiquado, nos fora dada em Miami. Naquele momento, descobrimos que a solução de cola de borracha secara, e que tinha a consistência de chiclete. Os remendos também estavam velhos, e já não tinham a camada de cola que, normalmente, têm os remendos de um equipamento moderno. Possuíamos quatro tampões de borracha, alguns remendos comuns, impregnados de borracha, agulhas, linha e um pouco de lixa.

No dia seguinte, deixamos a balsa esvaziar, na extremidade de reboque, onde havíamos localizado um rombo de cerca de oito centímetros, abaixo da linha d'água. Reforçamos o piso lá atrás, e conseguimos trazer a parte avariada para dentro da balsa. Três buracos pequenos deixavam escapar o ar, no local em que o tecido rasgara, debaixo de um dos cabos de reboque, pois o *Ednamair*, puxado pelo vento, fizera muita força no cabo. A superfície foi limpa e deixada ao sol, para secar; então, depois de raspar a superfície com a lixa, tentei fazer com que a coia, ressecada, obstruísse os furos menores. Não deu certo. Quando voltou a ser inflada, a balsa esvaziou ainda mais depressa do que antes.

Debrucei-me sobre a borda, e notei outro furo, de meio centímetro de diâmetro, feito por um dos cabos.



Não era de admirar que tivéssemos de estar sempre soprando! Cobri este com um tampão de borracha, e amarrei o tecido, fino como papel, em volta do tampão, com linha de *nylon*. Então, notando que os remendos começavam a se soltar dos outros furos, arranquei-os de uma vez, aumentei os furos pequenos o suficiente para inserir tampões de borracha, e enchemos a câmara de novo. Desta vez, ela se manteve, e assim pudemos descansar, aliviados, por algum tempo, da nossa rotina de soprar.

A chuva veio logo depois que anoiteceu — uma bâtega forte e de curta duração, da qual juntamos pouco mais de meio litro d'água amarela. Quando nosso entusiasmo decresceu, ao passar a chuva, deixamo-nos ficar em nossas roupas, agora constantemente molhadas, embora não conseguíssemos dormir. Ultimamente eu mal dormia, ouvindo constantemente o som da balsa, o mar, os peixes, o escaler, e imaginando maneiras de pescar, a possibilidade de extrair plancto do mar, ou o que aconteceria conosco quando a balsa começasse a afundar, o que deveria suceder dentro de algum tempo.

Sabia que Lyn também ficava acordada de noite, e que seus pensamentos se concentravam em nos ajudar a sobreviver. Lyn tinha sido sempre muito competente em situações de emergência, e meu profundo respeito por sua capacidade, como enfermeira, esposa e mãe, nunca deixara de crescer nos nossos 20 anos de casados.

Por volta das dez horas, um novo som, estranho, como o de um gigante

exalando ar, juntou-se aos ruídos habituais. Douglas, de vigília, na borda da balsa, resmungou: «Baleia!» Ficamos todos assustados, pois a lembrança das orcas se tornava mais terrível com o passar do tempo. Logo a identificamos como uma baleia-cinza, lenta e enorme. Embora eu tentasse convencer Lyn de que aquela não nos faria mal, ela rezou para que fôssemos poupados de um segundo ataque. A baleia veio à superfície muitas vezes, à nossa volta, durante os 30 minutos seguintes, chegando bem perto, com freqüência. Sandy tinha adormecido outra vez, e agora, o sopro da baleia coincidia tão precisamente com seu ressonar que todos acabamos rindo do «dueto».

### Um desjejum digno

O SEXTO dia começou às duas da manhã, quando um barulho, como o de uma vela batendo, que vinha do *Ednamair*, anunciou que um peixe grande tinha calculado mal sua trajetória de salto. Puxando depressa o escaler, ao longo da balsa, pulei para bordo, e caí em cima de um imenso dourado que se debatia no fundo do barco. Apanhei a faca, no banco em que era guardada, cravei-a na cabeça do peixe, e serrei desesperadamente até separá-la. Ao nascer do dia, voltei ao *Ednamair* para preparar o dourado, e assim tivemos nosso primeiro desjejum digno, desde que a *Lucette* afundara. Nossos estômagos, desacostumados de tanta comida, davam a sensação de plenitude. Depois, tentei pescar de novo, mas sem sucesso,



e, então, um tubarão levou tudo: isca, anzol e linha de *nylon*.

O céu escurecia ao norte, à medida que a tarde avançava, e eu esperei ansiosamente pela chuva. Em vez disso o céu clareou, o calor do sol desceu sobre a balsa, e nos recolhemos a uma resignação silenciosa, até a noite, salpicando água, uma vez por outra, no que restava de nossas roupas e na balsa.

As roupas tinham se desgastado e rasgado, desde o início da viagem, e Douglas desfizera-se de seu calção de banho esfarrapado, para aliviar a dor nas regiões em que estava em carne-viva, nas nádegas e coxas, devido ao contato contínuo com a água salgada. Neil também estava assim, e Lyn tinha rasgado a parte de baixo de seu *peignoir* para proteger as coxas dele, enquanto ela resguardava seu recato com uma espécie de biquíni que fizera com um pedaço de vela. Meus *shorts* tinham se desfeito, deixando-me de cuecas, porém Robin e Sandy conservaram intatos os calções de banho. Os meninos tinham camisas, e minha camiseta, apesar de um tanto suja de sangue, estava ainda inteira.

Enquanto o sol passava a bom-bordo da embarcação, ficávamos deitados, ofegantes, sob o ar pesado, chupando pedaços de borracha, para produzir saliva e minorar o sofrimento da sede. Eu via sombras escuras, ao redor dos olhos de Douglas, enquanto ele ficava de vigia, procurando navios, e com a boca tentando manter a saliva. Seu rosto, subitamente, tinha-se tornado muito mais

magro, e o cavado de suas faces, assim como seu palato descarnado, davam-lhe uma aparência cadavérica.

Fechei os olhos, e me deitei, para pensar em como poderia apanhar o peixe que eu queria pescar, sem interferência de outras espécies. Só conseguia pensar numa coisa: um certo tipo de arpão. Já tinha visto muitos arpões de pesca, durante minhas viagens, mas sua força e feitio dependiam de uma espécie de madeira de que eu não dispunha.

Quando as sombras da noite escureceram o interior da balsa, abri outra lata d'água. A brisa que soprava de leve, vinda do sul, parou, deixando o mar quase calmo. A vela do *Edna-mair* ficou lassa, pela primeira vez desde que começamos a nos dirigir para o norte. Tínhamos ainda de percorrer cerca de 150 milhas, antes de ficarmos sob a influência das calmarias. Dispondo somente de menos de três litros d'água (inclusive a salobra), eu imaginava se teríamos chegado ao fim da jornada.

### Tornei-me um selvagem

A SECURA fétida de nossas bocas agravara o desconforto de nossos corpos insones, enquanto tentávamos aliviar a agonia da sede, virando-nos de um lado para o outro. Então, já quase sem fôlego, observamos nuvens se juntando e obscurecendo as estrelas. Quando o alvor da madrugada surgiu no horizonte, a chuva começou a cair — um aguaceiro firme. Logo, a água no cano do telhado correu, clara e límpida. Enchemos as latas



vazias e sacos de plástico, e bebemos até fartar. Deitamo-nos, com o rosto virado para o céu, e deixamos que a água pura lavasse o sal de nossas barbas e cabelos. De repente, tínhamos saído da sombra da morte para a perspectiva jubilosa da vida, e tudo por causa de uma chuvarada. Agora sim, chegaríamos às calmarias!

Douglas, olhando para as nuvens que se dispersavam, levantou-se, de súbito, e ficou sentado, em sobressalto, apontando e gritando: «Um navio! Um navio! É um navio!» Juntamos todos na borda da balsa. Um cargueiro de cerca de seis mil toneladas estava se aproximando, numa rota que o traria a umas três milhas de nós. Senti o coração batendo de encontro às costelas.

«Apanhem os archotes de sinalização!», gritei roucamente.

Três milhas era uma distância considerável, mas, num dia sombrio como aquele, contra um horizonte escuro, os homens do navio nos veriam facilmente. Subi, com dificuldade, para o escaler, e Douglas me passou os archotes e os foguetes de sinalização. Minhas mãos tremiam, quando abri um foguete de pára-quedas e, com uma «reza muda» ao foguete, para que acendesse, risquei o ignidor no estopim. Ele estalou, sibilou e subiu no ar, inflamando-se no céu sobre a balsa, com seu clarão rosado, de magnésio, traçando uma espiral vagarosa, na descida, e deixando um risco de fumaça. Eles não podiam deixar de ver aquilo!

Esperei alguns momentos, para o navio alterar a rota, e acendi um ar-

chote, mantendo-o bem acima de minha cabeça. O facho vermelho e ofuscante esquentava muito, e eu o segurava evitando o vento, para não queimar a mão, com as brasas vermelhas caindo no escaler. Quando se apagou, acendi outro. A fumaça do primeiro era agora um penacho que se erguia para o céu. Com certeza, tinham de ter visto! Esperei um pouco, com as mãos trêmulas.

«Esta oportunidade pode não surgir outra vez», disse eu, enquanto rostos ansiosos esperavam na borda da balsa. «Vou usar nosso último foguete luminoso, é mais um archote.» Olhamos, tensos, enquanto o segundo foguete se elevava, e fazia uma espiral, levando muito acima de nós sua mensagem reluzente. Desesperadamente, acendi o terceiro archote, e o mantive bem alto, ficando de pé, no banco, me agarrando ao mastro. «Olhem! Olhem nesta direção!», gritei.

O navio continuou sua rota, desaparecendo devagar, na penumbra de uma bâtega de chuva. Quando reapareceu, seu casco já sumira pela metade, no horizonte, a cinco milhas de distância, e desaparecia cada vez mais.

«Não nos atrevemos a usar outro», eu disse. «Temos de guardar alguma coisa para o próximo navio.» Só tínhamos agora três archotes.

Tristemente, examinei os cartuchos vazios dos foguetes. Naquele momento, alguma coisa mudou em mim todo o aspecto de nossa situação. Se aqueles malditos marinheiros não nos puderam salvar, teríamos, então, de fazer isso por conta própria — e, para o diabo com eles! Sobreviveríamos



sem ajuda de ninguém. Sim, esta seria a palavra, daí para diante: *sobrevivência*. Não «salvamento», nem «socorro», nem qualquer outra dependência de estranhos.

Senti uma estranha força me inundar, elevando-me da depressão e do desapontamento a um estado de quase euforia. Senti a agressividade cruel de um predador me encher a mente. Aquele não era nosso meio-ambiente, e as «feras» à nossa volta nos comeriam, se fracassássemos. Cavaríamos um lugar para nós, entre elas. Tinham milhões de anos de adaptação a seu favor, mas nós tínhamos inteligência e alguns utensílios. Viveríamos do mar, durante três meses, ou seis, se necessário, mas «poríamos os rapazes em terra», como dissera Lyn — e faríamos isso sozinhos. Daquele momento em diante, tornei-me um selvagem.

Para o fim da tarde, sentimos uma saliência, incomum e dura, no fundo da balsa, diferente da arremetida de um dourado. Olhando para fora, vimos a grande cabeça de uma tartaruga nos examinando com indiferença. Se fosse no dia anterior, eu teria dito: «Deixe-a; não podemos com ela.» Agora, entretanto, as coisas eram diferentes.

«Vamos pegar esta», eu disse. «Vamos pô-la dentro do escaler.»

Suas patas tinham se embaraçado no cabo de nossa âncora flutuante. E assim, passando primeiro um cabo do escaler sob a balsa, fizemos com que ele se prendesse a uma das patas posteriores da tartaruga. Então, cuidadosamente, evitando a boca peri-

gosa, libertamos a tartaruga do cabo da âncora flutuante, e a rebocamos em volta da balsa para o *Ednamair*. Subi para o escaler, e puxei a tartaruga, que lutava agora de encontro ao costado, debruçando-me para agarrar suas patas traseiras, e suspendê-la.

O animal era extremamente pesado e, quando escorregou para bordo, o escaler se inclinou bastante. Joguei meu peso para o outro lado, para equilibrá-lo, até que, finalmente, batendo as patas, a tartaruga ficou deitada de costas, no fundo do escaler — tinha mais de 30 quilos, calculei. Fiz um sinal para Douglas e meus filhos, com os polegares para cima, e eles deram gritos de alegria.

Agora, vinha a parte mais difícil. Olhei para o réptil, encorajado, com os olhos de um fazendeiro. Eu ajudara a matar alguns porcos e carneiros, e tinha uma idéia de como liquidar a tartaruga. Com a mão direita, segurei com firmeza a faca pontuda, e, colocando um pé sobre cada parte dianteira, preendi-lhe a cabeça com a mão esquerda, e cravei-lhe a faca na pele coriácea do pescoço, profundamente, até a coluna vertebral. Então, a golpes de faca, cortei-lhe as veias. Um sangue vermelho-escuro jorrou para o fundo do escaler, e, gradativamente, a boca e as patas foram deixando de se debater, à medida que o animal morria.

Vinte e quatro horas antes, eu não teria suportado uma coisa tão bárbara, mas a lei da sobrevivência se impôs, e o princípio de que «o mais forte dominará o mais fraco» tornou-se o nosso lema.



Quando clareou o dia, comecei a preparar a tartaruga. Levei uma hora e meia para tirar a carapaça da barriga, serrando e cortando com a lâmina da faca, que parecia se tornar mais fraca, enquanto o casco dava a impressão de engrossar cada vez mais. Consegui destacar a carapaça, e comecei a extrair a carne. Abri também o abdome, e encontrei, para minha satisfação, enorme quantidade de ovos.

De volta à balsa, olhamos para a carne crua com certa repugnância. Uma ação-de-graças, atribuída a Robert Burns, me veio à mente, e eu recitei: «Alguns têm carne, e não podem comer; outros a comeriam, mas não a têm. Porém nós temos carne, e podemos comer; por isso, damos graças a Deus.»

Neil sorriu, e meteu os dentes num pedaço de carne de tartaruga. «Está boa!», foi tudo o que ele disse, e todos começamos a comer com sofreguidão. Mastigamos os ovos, rebitando-os na boca, como ameixas amarelas, e apreciamos o gosto de carne crua como só gente faminta pode fazer.

Robin não quis os ovos, porém mastigou sofregamente a carne macia, dizendo que apreciava «bife mal passado». Douglas, Lyn e Sandy, depois de alguma repugnância inicial, comeram a carne com vontade. Uma vez que o interior da balsa era em forma de caverna, não seria difícil imaginar que havíamos regredido alguns milhares de anos no tempo. Não apenas parecíamos homens das cavernas; eu, pelo menos, me sentia como um troglodita.

## Um bebê escorregadio nos braços

No DÉCIMO dia, soltamos a vela e prosseguimos na rota. Tínhamos respeitado as normas internacionais de salvamento, permanecendo tanto tempo quanto pudéramos na área onde o navio se cruzara conosco. Agora eu estava ansioso para que não se perdesse mais tempo, pois estávamos ainda a alguma distância da região das chuvas, e nossa reserva d'água estava minguando outra vez.

Assim que começamos a navegar, joguei ao mar os restos da tartaruga. Dezenas de peixes necrófagos apareceram, não se sabe de onde, provocando redemoinhos na água, quando lutavam para devorar as sobras. Em poucos minutos, vimos as barbatanas de quatro tubarões e, daí em diante, nunca ficamos sem, pelo menos, um tubarão nos acompanhando.

Nossa posição ao meio-dia confirmou que as calmarias estavam a apenas 90 milhas. A balsa, entretanto, estava nos dando cada vez mais dificuldades, precisando de ser achiçada de dez em dez minutos. Eu não tinha dúvidas de que, em pouco tempo, teríamos de depender do *Ednamair* para sobreviver, mas a perspectiva de seis pessoas viverem confinadas num escalor de menos de três metros, e ainda com suprimentos e utensílios, me aterrorizava. O menor desequilíbrio faria, com certeza, o mar galgar a borda do escalor.

NA NOITE do nosso 12.º dia, eu estava de vigília entre as 9 e as 11 horas.



Quando parei de esgotar a água, por alguns minutos, um peixe espadanou ruidosamente ao lado da embarcação. Deixei cair o braço dentro d'água, com a mão retesada como uma garra, e esperei ter a sorte de poder agarrar um dourado, para que pudesse puxá-lo para bordo. Havia tocado seu dorso, uma vez ou duas, e ele sempre me fugira, mas como eu era otimista, estava certo de que, mais cedo ou mais tarde, iria pegá-lo.

Eu estava à espera, quando o peixe pulou novamente. Quando avançou de encontro à balsa, meti o braço direito, como um gancho, por baixo dele, e agarrei-o depressa com a mão esquerda. Então, sentindo a pele pouco escorregadia, olhei, e vi a barriga branca, e a boca em forma de U, de um tubarão de um metro e meio, docilmente deitado em meus braços, como um bebê. Compreendendo que uma cutilada daquela boca acabaria de vez com a balsa, deixei-o cair, como se fosse um tição incandescente. Ele tentou abocanhar o ar com seus maxilares selvagens, e desapareceu. Dando graças a Deus, continuei a esgotar a água. Não queríamos despedir-nos de nossa balsa ainda!

DOIS DIAS depois (nosso 14.º dia como náufragos), Sandy notou um furo, que estava deixando entrar água, na popa. Senti que a balsa estava começando a chegar ao fim. Era pouco provável que eu pudesse consertar aquele furo; entretanto, se o deixasse assim, ele certamente se abriria muito mais, no primeiro

vendaval que apanhássemos. Fiz um tampão, e o coloquei no furo, com a fita isolante pronta para fixá-lo, se ele se agüentasse. O furo abriu de lado a lado, e a água penetrou. Aborrecido, calquei o tampão no lugar, e detive a água o suficiente para esgotar o compartimento, até secá-lo, mas a balsa teria, agora, de ser achicada constantemente, dos dois lados.

Depois do desjejum, eu estava passando para o escaler, a fim de tentar pegar um dourado, quando um choque, na popa da embarcação, atraiu a atenção de Sandy. «Tartaruga!», gritou ele. Esta era muito menor que a primeira, e a puxei para bordo sem grande trabalho.

«Apare o sangue», disse Lyn, quando fiz a incisão na garganta. «Deve ser bom para beber.» Segurei um copo de plástico sob o jorro de sangue. Depois, levando-o aos lábios, provei-o cautelosamente. Não era nada salgado. Inclinei o copo, e bebi tudo. «Ótimo!», exclamei. Sentia-me como se acabasse de ingerir o elixir da vida.

«Peguem isto aqui», disse, e passei um pequeno recipiente cheio de sangue, cerca de meio litro, para a balsa. Todos pareceram gostar.

O céu estava sereno e azul, naquela tarde. Fazendo uma estimativa, determinei nossa posição, e cheguei à conclusão de que havíamos chegado à orla das calmarias. Então, aquilo é que era a calmaria? Estaria certo «O Rimário do Marinheiro Antigo», com sua expressão «nem uma gota para beber»? Dispúnhamos de quatro latas d'água, uma com água do mar.



Olhei em volta, para o que restava de Robin e da família Robertson. Nossa pele, enrugada, estava coberta de chagas, produzidas pela água salgada, e cheia de avermelhados de erupções, em carne-viva. Ficávamos deitados, no fundo da balsa, imóveis, a não ser para esgotar a água de vez em quando, e, assim mesmo, com pouca energia. Nossos ossos quase furavam através da pele. Tínhamos emagrecido muito mais naqueles últimos dias, e nossas condições pioravam rapidamente. A balsa estava nos matando, exigindo tanto de nossa energia!

Comecei a esgotar a água quase mecanicamente. Teríamos de abandonar a balsa em breve, pensei, e isso significaria jogar ao mar tudo o que fosse desnecessário. No escaler, só haveria lugar para comida, água, para os foguetes e para nós. Começaríamos a selecionar as coisas pela manhã.

### **Um nado para a vida**

CHOVEU de madrugada — uma chuva linda, maravilhosa. Guardamos uns 13 litros, e bebemos até não poder mais. Depois, conversamos sobre o navio que não nos tinha visto, pois isso acontecera depois da última chuva.

Nossos filhos gêmeos estavam falando, quando Douglas, de vigília, com voz desesperada de aflição, gritou: «Papai, o escaler se soltou!»

Atravessei a balsa num instante. Olhei para a extremidade, rebentada, do cabo que se arrastava na água.

O escaler estava a uns 60 metros, navegando a vela, e nós nos distanciávamos dele. Eu era o nadador mais veloz. Não podia perder tempo com despedidas. Que se danassem os tubarões!

Saltei para a água, e comecei a nadar. Ouvi Lyn gritar, mas não havia tempo para conversas. Poderia eu nadar mais depressa do que o escaler se afastava? Esse era um problema. Olhei para ele, ao levantar a cabeça para respirar. A vela caíra, e o escaler se desviava da rota. Movi os braços mais depressa, e as pernas com mais força. Os tubarões me atacariam? Esse era outro problema.

Olhei de novo. Faltavam só 30 metros, mas o escaler estava se deslocando outra vez. Eu não sentia cansaço. Meu corpo era uma máquina, enquanto avançava pelo mar, com um único pensamento: o escaler ou nós. Finalmente, o alcancei. Com um rápido impulso, me ergui sobre a popa do escaler, estiquei-me, e arranquei a vela. Antes que meus joelhos vergassem, deitei-me no banco, tremendo e ofegando, num esforço para respirar. O coração batia como um martelo.

Levantei um braço, e acenei para a balsa, agora a 200 metros. Então, devagar, desamarrei o remo da vela, e remei em direção à balsa. Levei perto de meia hora. As formas oblongas de dois tubarões circulavam a uns metros de profundidade — eles já deviam ter tomado o café-da-manhã. Mais tarde, eu soube que um deles tinha, realmente, estado bem perto, atrás de mim!



Quando voltei à balsa, examinamos o cabo, e vimos que estava gasto em dois lugares. Rebentamo-lo nesses pontos, tornamos a uni-lo e, ao fazê-lo, deixamos que ficasse suficientemente curto para amarrarmos uma corda de *nylon* maior, entre a balsa e o escaler, como garantia. Depois disso, montamos uma âncora flutuante, que desengataria automaticamente, se o *Ednamair* se largasse outra vez da balsa. Tínhamos, não apenas «fechado a porta da cavalaria», mas «tornado o cavalo coxo», também. Eu não gostaria de repetir aquela prova de natação... nunca mais.

Nossa posição, ao meio-dia, estava bem dentro dos limites da zona de calmarias. Tínhamos atravessado a região das chuvas em 15 dias. Havíamos viajado cerca de 400 milhas, embora ainda faltassem umas 700 para chegarmos à costa da América Central, e tínhamos, talvez, mais comida e água do que ao começarmos. Nossas condições eram piores, isso era verdade, mas eu esperava que o aumento de nosso suprimento d'água ajudasse a melhorá-las. Refleti, solenemente, que, se tivéssemos ficado parados, à espera de socorro, no lugar onde a escuna *Lucette* afundara, estaríamos mortos agora.

### Um novo lar

A CHUVA começou, e continuou durante toda a noite e quase todo o dia seguinte. Nossas bocas estavam em carne-viva, devido ao contato com a superfície áspera do tubo de inflar;

nossos pulmões e rostos doíam, pelo esforço de manter a balsa cheia de ar. Lyn temia que um dos gêmeos adormecesse, de rosto para baixo, no compartimento da popa, e se afogasse, pois agora só esgotávamos a água na proa; e, mesmo assim, não podíamos achicar com a rapidez suficiente para mantê-la seca. A popa estava inundada até uma altura de oito centímetros.

A chuva parou, na manhã seguinte. Então, anunciei que planejava mudar para o escaler. Calculava que poderíamos manter a balsa à tona por mais alguns dias, mas o esforço necessário estava nos privando de energias para outras atividades. Em nossos membros, aumentava constantemente a extensão das áreas ulceradas. Estávamos consumindo nossas vidas na luta para manter a balsa flutuando.

Deixei Douglas cortando pedaços do toldo da balsa, para usá-los como capas protetoras contra a chuva. Depois de preparar um pequeno teto, fui até o *Ednamair*, a fim de colocá-lo sobre a proa, para desviar os respingos. Então, enquanto Douglas e eu começamos a despojar a balsa, os outros fizeram a mudança.

Retiramos primeiro a cobertura, passando-a para o escaler, e cortamos um dos suportes infláveis do arco da cobertura, para ser usado como aro flutuante, em volta da proa do escaler, a fim de aumentar sua estabilidade. Douglas, então, foi para o escaler, enquanto eu cortava, com a faca, outros pedaços úteis da balsa. Toda ela tinha esvaziado agora, exceto a parte do piso, na proa, que, se inflada, logo



se esvaziaria também. Com o corpo dentro d'água, até a cintura, dirigi-me para o escaler, subi a bordo, e empurrei para longe os restos da balsa. Tinha nos servido bem, e, enquanto seus pedaços flutuavam à nossa volta, sentimo-nos tristes ao vê-los se afastar, pois, quando desaparecessem, não haveria mais nada para ver, a não ser o mar.

Quando começamos a limpar o escaler, tomamos cuidado para não concentrar nosso peso todo num dos lados, sem primeiro avisar alguém, do outro lado, para se mover, simultaneamente, na direção oposta. Mas o escaler provou ser mais estável do que eu imaginava, com todo aquele peso baixando o seu centro de gravidade.

Os gêmeos ficaram sob a cobertura da proa. Lyn e Robin foram para a popa, deixando o pequeno centro do barco para mim e Douglas. Um de nós, ou então Lyn ou Robin, ficaria sempre acordado, de vigília.

Nosso 20.º dia, 4 de julho, era o aniversário de Lyn. Pegamos outra tartaruga, de manhã. Descansamos, em silêncio, durante a tarde, e falamos sobre as coisas gostosas que tínhamos comido em aniversários anteriores. Depois de uma «festa de aniversário de faz-de-conta» (30 minutos mastigando devagar e sorvendo água), cantamos o «Parabéns pra você». Aquilo pareceu um tanto estranho, no meio do Pacífico, mas fez bem ao nosso moral.

Achei que seria bom, para as crianças, ver nosso progresso em direção à costa, e, assim, mostrei-lhes, numa

carta marítima desenhada a mão, aonde meus cálculos nos tinham levado. Quando Douglas pediu uma estimativa de quanto tempo ainda levaríamos para chegar a terra, eu disse 35 dias, tentando fazer com que parecesse menos de um mês.

No 22.º dia, pegamos outra tartaruga, a maior até então, e, depois da refeição, nos deitamos, com os estômagos realmente cheios, pela segunda vez, desde que a *Lucette* afundara. Na verdade, nossos estômagos tinham se contraído tanto que, agora, era preciso muito pouco para enchê-los.

O fim da tarde trouxe um tempo tempestuoso e, à medida que a noite avançava, as ondas se encapelavam. Tristemente, preparamo-nos para uma noite de borrasca. O mar, agora, invadia o escaler com frequência, e, quem estivesse de vigília, tinha de achicar quase constantemente. A chuva começou, por volta das oito horas da noite, e o vento, que mudara para o sul, aumentou de intensidade, até que, pelas dez horas, uma chuva torrencial começou a nos fustigar.

Às duas da manhã, o vento parou completamente. Para nossa surpresa, a chuva dobrou de intensidade, e o tempo ficou tão frio que cheguei a pensar que iríamos ter granizo. Lyn e Robin esgotavam a água, cada vez com maior frequência. Eu sentia tanto frio que nem percebia ser meu o gemido que estava ouvindo. Relâmpagos cortavam os céus, sem parar, e a trovoada era ensurdecadora, numa repetição de estrondos quase contínua.



Sobre o ruído da tempestade, eu ouvia Sandy soluçando, e Lyn rezando.

Douglas estava agora achicando também, enquanto os gêmeos seguravam a cobertura da proa, para não respingar água dentro do escaler. Sentei-me, como uma estátua, com o frio penetrando até o cérebro, as mãos agarradas à vela, prontas para manobrar, no momento em que algum pé-de-vento nos atingisse.

A voz de Lyn se elevou acima do tumulto, vinda da escuridão, como se de outro mundo. Ouvi-a dizer, bem claramente: «Esfregue-o, Robin!» Todavia, quando vi Robin diante de mim, com os braços esticados em minha direção, não consegui sentir nada. Lentamente, ele me esfregou, até a sensibilidade voltar a meu corpo.

De madrugada, estávamos cansados, mas ainda esgotando a água, quase mecanicamente. Sentei-me na popa, enregelado, só conseguindo mover os braços para puxar a vela de um lado para o outro, enquanto o *Ednamair* guinava sob o vento tempestuoso. A chuva continuou, durante todo o dia, e pela noite, outra vez. Com Douglas ao leme, Robin e eu nos ajoelhamos, lado a lado, sob um pedaço da cobertura amarela da balsa, com os joelhos rentes à fibra de vidro e as cabeças de encontro ao banco, enquanto jogávamos água pela borda fora. O cair cadenciado da chuva, sobre nossas capas, servia apenas para adormecer nossos sentidos, e o sono tentava, com insistência, nos pegar desprevenidos. Sentia Robin se encostar em mim, ao cochilar, exausto. Depois, ele se

sacudia e acordava, tornando a pegar no recipiente de esgotar a água.

Já não sentíamos dor. Nossos membros estavam ensopados até os ossos; nossa pele, franzida e insensível, era uma confusão de rugas. Tremíamos, achicávamos e cantávamos, para manter a circulação. Quando estávamos muito cansados para cantar, Lyn nos batia, e esfregava nossos corpos insensíveis, para reativá-los. Nossos sentimentos de esperança, medo, sede e desespero eram esquecidos, na dormência, sem emoções, da exaustão que nos anestesava.

Quando a madrugada chegou, Robin tinha adormecido, de corpo ajoelhado, derreado, caído de lado, de encontro à amurada, com o recipiente de esgotar a água ainda na mão. Lyn adormeceu ajoelhada, de encontro ao banco da popa, com o corpo junto ao meu, para se aquecer. Meu braço ainda se movia para esgotar a água, até que, finalmente, compreendi que a chuva cessara, e me deixei afundar numa espécie de lassidão. A morte poderia ter chegado naquele momento, sem que tomássemos conhecimento, ou resistíssemos à sua chegada.

### Estamos sós

AO CHEGAR O 29.º dia, eu estava sentado, trabalhando num equipamento de pesca, quando olhei para dentro do mar azul, e notei a forma escura de um tubarão. Era o primeiro tubarão pequeno que eu via, desde meu curto «namoro» com aquele outro, na balsa.



Tínhamos apanhado um peixevoador, durante a noite. Coloquei-o no anzol e, lastrando a linha, lancei-a bem longe, para que os peixes que andavam por perto de nós não a vissem. O anzol caiu além do tubarão, e, a princípio, pensei que ele fosse ignorá-lo, mas, depois que o anzol parou, ele se voltou em sua direção.

Douglas gritou: «O que está fazendo, papai?»

«Pescando um tubarão», respondi calmamente.

«Ficou louco?», disse Douglas, sentando-se depressa. Robin também estava sentado, apreensivo.

Lyn me deu de conselho: «Não faça isso!»

«Muito bem, papai!», aprovaram Neil e Sandy, da proa.

«Vou pegá-lo», anunciei, observando ansiosamente o tubarão chegar à isca. No momento em que o sentisse tocar nela, teria de fisgá-lo, pois, se ele pegasse a linha de *nylon* entre os dentes, iria cortá-la, como se fosse manteiga. Eu iria tentar meter a haste de aço do anzol entre suas mandíbulas. O tubarão mordeu. Senti um estremecimento nos dedos trêmulos, e fisguei rapidamente. A linha sacudiu toda. O tubarão fora agarrado!

Lutava desesperadamente para se livrar do anzol, ora vindo à superfície, ora mergulhando na escuridão azul do mar. Eu temia que a linha rebentasse, mas receava ainda mais a chegada de um tubarão maior, que atacasse o que estava preso no anzol. Aos poucos, ele veio vindo à superfície. A linha já se enterrava profundamente na palma de minha mão.

Lyn estava a postos, na popa, segurando um remo. O tubarão surgiu na superfície, debatendo-se violentamente, e depois mergulhou. Tive de deixá-lo nadar, para se cansar, pois estava ainda com muito fôlego. Era um belo exemplar, de um metro e meio. Um tubarão *mako*, disse Douglas.

Subiu de novo. «Vamos agarrá-lo desta vez!», resmunguei, com as mãos doendo. «Fique a postos para pegar a linha, Robin! Vou agarrar a cauda dele, e puxá-lo para dentro.» Robin e Lyn pareciam um tanto receosos de terem de cuidar da extremidade mais perigosa, a da boca, mas estavam decididos a fazer o que pudessem.

O tubarão veio à superfície. Com cuidado, Robin tomou a linha de minha mão, enquanto eu me inclinei e agarrei a cauda do peixe. «Equilíbrio!», gritei, e Douglas se inclinou para fora, do outro lado do escaler, para compensar o meu peso. A pele áspera do peixe me facilitou pegá-lo. Com um puxão rápido, o tubarão ficou em cima da borda do escaler. «Levante a cabeça dele, agora!» Eu segurava, firme, a cauda, enquanto Robin erguia o peixe, que lutava, para dentro do barco. Lyn bateu com o remo entre as mandíbulas escancaradas, e elas se fecharam sobre ele. De faca na mão, inclinei-me para frente, e cravei-a no olho do tubarão. Ele lutou ainda algum tempo, mas depois ficou imóvel.

Dando a cauda para Douglas segurar, meti a faca numa abertura das guelras, cortando até separar a cabeça.



Tinham-se invertido os papéis, com nosso inimigo mais temido. Os tubarões não comeriam os Robertsons — os Robertsons comeriam um dos tubarões!

Mais tarde, vendo os pedaços do tubarão balançando no ar, pendurados para secar, sentimos justificável satisfação. Com a carne de tartaruga já armazenada, tínhamos comida suficiente para uma semana. Já não encarávamos os socorros como um de nossos objetivos principais. Já não sentíamos aquela sensação de desamparo, por depender de outros para continuarmos a viver. Estávamos sós, habitantes do mar selvagem.

### «Bata nele, seu tirano!»

QUANDO tentávamos trazer uma tartaruga para bordo, no 31.º dia, derrubamos um recipiente plástico com água, e ela se derramou. A perda foi grave, pois isso nos deixou com menos de quatro litros, um dos quais descobrimos estar impróprio para beber.

Se tivéssemos de ficar sem água, só as tartarugas ou os dourados poderiam nos salvar. As tartarugas só apareciam quando lhes apetecia, mas os dourados andavam por ali — era só pescá-los. Portanto, tinha de pensar mais a sério num dourado.

Já havia feito dois arpões, com a ponta e as barbelas tiradas de um pedaço dos bancos do escaler, mas ambos haviam se quebrado. Desanimado, decidi fazer uma fisga, com a qual pudesse puxar o peixe por

baixo, em vez de atacá-lo por cima. Pacientemente, amarrei um dos anzóis grandes na extremidade de um remo.

A primeira falhou, mas a segunda durou mais. Peguei meu primeiro dourado no nosso 32.º dia no mar. Mergulhei a fisga na água; depois, com um puxão rápido, senti uma sensação de peso, e um corpo de prata brilhante cintilou no ar, caindo violentamente sobre o estrado do fundo do escaler.

Comemos um pouco da carne, ao almoço, mas saboreamos principalmente o fígado e o coração, que eram mais sumarentos. Cortamos as espinhas, e chupamos o líquido de sua medula. Robin, mastigando a cabeça (seu pedaço favorito) descobriu que os olhos do peixe, que tinham uns três centímetros de diâmetro, encerravam bastante líquido. Chupando-os, reduziu-os ao tamanho de um pequeno grão de ervilha.

No dia seguinte, peguei mais três dourados. Com quase 20 quilos de peixe a secar, e uma boa quantidade de carne de tartaruga já seca, tínhamos adquirido certa confiança. Agora só precisávamos de água. Mas o sol se elevava, no céu, sem nuvens, enquanto o dia avançava, e o mar, calmo como um espelho, refletia o brilho do sol sob os farrapos de vela. Assim, ao meio-dia, estávamos abatidos, sob a fornalha dos raios solares. Apático e extenuado, despejei água salgada em Douglas e Robin. Depois, passei o recipiente para Lyn, que molhou nossos filhos gêmeos.



Os olhos encovados de Douglas perscrutavam o horizonte, não à procura de navios, mas de uma nuvem de chuva, de um cúmulo longínquo.

Quando a manhã chegou, no 34.º dia, todos descansávamos silenciosos e insones. Logo o sol brilhante e quente bateu desapiedadamente em nossa pequena embarcação. Lyn e eu tivemos uma altercação, até que ela se desmanchou em lágrimas. Robin, agindo com boa intenção, incorreu no grave erro de se meter entre marido e mulher, casados havia 20 anos, e logo se tornou o alvo de nossa cólera. Então, Douglas gritou: «Tartaruga!» Todas as brigas foram esquecidas, na azáfama de preparar espaço e manter o equilíbrio do barco. Quando ela se chocou de encontro ao costado do escaler, Douglas se abaixou, e a agarrou. Enquanto eu esperava que Robin e Douglas puxassem a tartaruga para bordo, aquele silêncio me tornou ansioso. «Vamos, peguem de uma vez!», gritei.

«Ela fugiu. Eu a larguei!» Douglas tinha a voz angustiada.

«Você o quê?», berrei. «Por que diabos não me deixa fazer isso, se não sabe trabalhar?» Furioso, dei um tapa em seu joelho, com a mão aberta.

«Muito bem. Bata nele, seu tirano!», resmungou Lyn, da proa.

Passamos o resto da manhã contemplando nossa miséria, sem sequer o privilégio da camaradagem para mitigar nossa sede.

Finalmente, no 35.º dia, a madrugada trouxe chuva. Uma hora de

chuva copiosa e benfazeja. Enchemos os recipientes (latas e sacos de plástico), e depois, nossos estômagos contraídos, até uma dilatação quase desconfortável.

MEU PLANO de salvamento tinha, originalmente três fases. A primeira era chegar às calmarias. Uma vez lá, poderíamos nos beneficiar de uma corrente, em direção a leste, que nos levasse para a América Central. Finalmente, quando chegássemos a poucas centenas de milhas de terra, eu tencionava remar durante a noite.

Ao nos aproximarmos da terceira fase, cada dia tinha um único objetivo: aumentar nossas reservas armazenadas, de comida e água, até termos o suficiente para chegar à costa. Eu olhava para cada tartaruga como sendo a última, e para cada peixe como se fosse perder o anzol, no caso de cometer um erro ao lançá-lo.

Lyn lavava e remendava nossas roupas, que, agora, tinham o aspecto de trajes de aborígenes. Douglas só tinha a camisa; o roupão de Lyn, em tiras, era mais ornamental do que funcional, e minha cueca e camiseta-de-meia, em farrapos, estavam duras do sangue e gordura das tartarugas. Úlceras, produzidas pela água salgada, e cicatrizes, cobriam nossos braços, pernas e nádegas, e se espalhavam por outras partes do corpo, misturadas com marcas das patas das tartarugas.

Entretanto, estávamos em melhores condições do que ao abandonarmos a balsa. Muitos ferimentos tinham sarado. Estávamos comendo



e bebendo mais, e nossa habilidade para roer ossos e sugar o seu tutano aumentava dia a dia.

Minha carta marítima indicava que nos aproximávamos agora da rota direta entre o Panamá e o Havaí, aumentando, portanto, a possibilidade de se avistar um navio. A indiferença com que esta pequena informação foi recebida foi motivo de satisfação para mim, pois, agora que nossas esperanças se voltavam para uma chegada a terra, não haveria angústia, se um navio passasse ao largo e nos ignorasse.

Passamos a noite de nosso 37.º dia conversando, calmamente, sobre a distância que poderíamos remar durante a noite, e quanto tempo levaria para chegarmos à costa. Calculei que, a 350 milhas, ela estava a cerca de 15 dias. Tínhamos bem mais de 12 litros d'água guardados, e o céu parecia carregado de nuvens de chuva. Uma emoção vaga me entusiasmou, quando decidi que, se a chuva viesse no dia seguinte, estaríamos prontos para começar a terceira e última fase de nossa viagem.

### **Algo que não era o mar**

No nosso 38.º dia, quando pescava um dourado, o que eu receava, havia tanto tempo, aconteceu. O anzol cedeu, e se foi. Minha reação inicial foi de um desânimo profundo. O peixe fugira com nosso último anzol grande. Não haveria mais dourado fresco para comer. Porém meu moral se elevou, quando me lembrei de que nossas reservas de carne de dou-

rado excediam as de tartaruga, e que tínhamos o suficiente de ambas para chegar até a costa, mesmo que não pegássemos mais nenhuma tartaruga. Além disso, eu tinha ainda um anzol pequeno, para pescar perto da costa, se fosse necessário.

Cortei um pouco de carne de tartaruga seca, para a merenda, e Lyn a misturou com um pouco de dourado molhado, para que se embebesse no suco do peixe. Enquanto conversávamos, meus olhos, inspecionando para além da vela, deram com algo que não era o mar. Parei de falar, e olhei, paralisado. Todos os outros olharam para mim.

«Um navio!», disse eu, incrédulo. «Um navio, e vem em nossa direção!» Eu mal podia acreditar, mas o navio era real. No entusiasmo repentino da emoção, todos queriam ver. «Equilibrem o escaler!», gritei. «Não podemos virar agora!» Todos voltaram a seus lugares.

Minha voz tremia, quando disse que ia ficar de pé, no banco, e segurar um facho luminoso acima da vela. Eles equilibraram o escaler, e eu fiquei de pé. «Dêem-me um archote de sinalização, e lembrem-se do que aconteceu com o último navio que vimos!» Eles emudeceram, de repente.

«Oh, meu Deus», rezava Lyn, «fazei com que nos vejam!»

Eu podia ver o navio, com bastante nitidez, agora — um pesqueiro de atum, japonês. Sua pintura cinzenta e branca se destacava no mar.

«Como um grande pássaro branco», disse Lyn aos gêmeos.



Dentro de uma hora, ele passaria a cerca de uma milha, em sua máxima aproximação de nós, calculei. Transmiti a informação aos outros, que a ouviram com emoção. A expectativa de socorro iminente aumentava, como uma químera sonhada. «Vou acender o archote, agora», disse eu. «Tenham a lanterna pronta, para o caso de o facho não funcionar.»

O archote desprendeou alguma fumaça, e depois acendeu com brilho. O clarão vermelho iluminou o *Edna-mair* e o mar à nossa volta, como se fosse a luz do crepúsculo. Eu sentia meu dedo indicador queimar-se, sob o calor do facho, e o sacudia de um lado para o outro, para evitar o ardor. Finalmente, incapaz de agüentar por mais tempo, deixei cair o braço, quase chamuscando o rosto de Lyn, e joguei o archote para o ar. Ele descreveu um arco brilhante, e caiu no mar.

«Dêem-me outro! Acho que o navio mudou de rota!» Minha voz estava rouca de emoção, e eu me sentia desorientado com a apreensão de que o pesqueiro de atum estivesse apenas navegando em seu rumo, pois não dera sinal de nos ter visto.

O segundo archote não funcionou. Xinguei, tomado de angústia e frustração, quando a escorva se esfarelou em vez de acender. «A lanterna!», gritei, desanimado.

Felizmente, não foi necessária. Os tripulantes do pesqueiro nos tinham visto. Deixei-me cair, pesadamente, no banco do escaler. Lyn e os gêmeos estavam chorando de felicidade. Douglas, com lágrimas

de alegria nos olhos, abraçava a mãe. Robin, rindo e chorando, ao mesmo tempo, deu-me um tapa nas costas, e gritou: «Formidável! Conseguimos! Oh! Maravilhoso!» Coloquei meus braços em volta de Lyn, sentindo as lágrimas me arderem nos olhos, e disse: «Finalmente, vamos levar os rapazes para terra.»

### Uma nova geração

O CASCO alto e bojudo do *Toka Maru I* crescia para nós, à medida que se aproximava, zimbrando e jogando, nas vagas inquietas. Os tripulantes japoneses, enfileirados na amurada, jogaram cabos, com que fomos içados pelo portaló.

Quando fui içado, vi Lyn, Douglas, Robin e os gêmeos, deitados, em fila, ao longo do convés. Eu pensava se algo estaria errado com eles. Então, eu próprio tentei andar, e descobri que minhas pernas não obedeciam. Segurei-me na amurada, para me apoiar.

Finalmente, fui cambaleando, até a escada que levava à ponte. Subindo, com o auxílio dos braços, cumprimentei o capitão do *Toka Maru*, e agradeci-lhe calorosamente por gestos. Eu não sabia nada de japonês, e ele nada de inglês. Mostrei meu diário-de-bordo, e fomos para a cabina de navegação, verificar as posições. A latitude que eu calculara estava errada apenas por cinco milhas, mas estávamos 100 milhas mais próximos de terra do que eu pensara, e teríamos chegado cinco dias antes do que eu havia dito!



Fiz um desenho da escuna *Lucette* e das orcas. Depois, escrevi uma lista de nossos nomes e nacionalidades, para que nossos familiares fossem avisados de que estávamos salvos. O capitão concordou, fazendo movimentos de cabeça. Então, apertando minha mão, mais uma vez, franziu o nariz, apontou para minhas roupas em frangalhos, e disse: «Showa! Showa!» («Chuveiro! Chuveiro!»). Eu bem podia imaginar o cheiro forte que emanava de meus farrapos, empapados de sangue e gordura, embora eu mesmo não sentisse cheiro de nada.

A tripulação japonesa levou os gêmeos para uma banheira grande, funda, de água quente, com Robin e Douglas cambaleando atrás deles. Primeiro, num chuveiro, ensaboamo-nos e nos enchemos de espuma, esfregando o cascão escuro que havia se formado sobre nossa pele. Depois, nos regalamos no calor da banheira funda. A simples alegria da espuma de sabão em água doce é, sem dúvida, um dos maiores prazeres do homem civilizado.

Mais tarde, tentamos nos acomodar para dormir, no castelo-de-proa, mas o calor, a que não estávamos acostumados, era sufocante. Além disso, toda a sensação de relaxamento e liberdade de nos movermos à vontade era tão estranha que o sono não vinha, apesar de exaustos como estávamos. Por volta da meia-noite, não pudemos suportar mais, e fomos, vacilantes, para o convés. Aí, adormecemos sob as estrelas.

Levou quatro dias para o *Toka*

*Maru* chegar ao Panamá. Nesses quatro dias, o Capitão Kiyoto Suzuki e sua maravilhosa tripulação trouxeram um halo de bondade humana a nossos espíritos torturados, e a paz a nossas mentes quase selvagens. Removeram também de meu caráter um recôndito sentimento de vingança. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando eu era jovem, meu navio havia sido bombardeado e afundado pelos japoneses. A lembrança dos gritos dos foguistas, presos nas caldeiras, e da carne despedaçada dos corpos de meus amigos tinha vivido comigo através dos anos, mesmo depois de muitas idas ao Japão, mais tarde, e até o nosso salvamento.

Mas aqueles pescadores generosos eram de uma nova geração de homens, cujo caráter não tinha semelhança alguma com o dos monstros que eu recordava. Sua benevolência, não só para conosco mas de uns para com os outros, modificou meu respeito por seu povo.

Se não houvesse nenhuma outra razão, além desta, o naufrágio da escuna *Lucette* teria valido a pena. Porém, ao observarmos Douglas, Robin e os gêmeos, conversando e desenhando figuras, com seus novos amigos japoneses, Lyn e eu sentimos que eles também tinham se tornado cidadãos do mundo, aprendendo a se comunicar, sem o auxílio da linguagem, e compreendendo que homens e mulheres de outras nações e raças têm esperanças e sentimentos que não são muito diferentes dos nossos. ▲